

Campo em Disputa: Uma Análise Relacional das Testemunhas de Jeová no Brasil Autoritário (1941–1974)

Field in Dispute: A Relational Analysis of Jehovah's Witnesses in Authoritarian Brazil (1941–1974)

Osorio Vieira Borges Junior

Doutorando em História

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

juniorvieira.osorio@gmail.com

Recebido: 05/11/2025

Aprovado: 10/12/2025

Resumo: Este artigo investiga a formação discursiva da imagem das Testemunhas de Jeová no contexto de regimes autoritários recentes no Brasil, como o Estado Novo e a Ditadura Militar, períodos nos quais as esferas política e religiosa constituíram ambientes de permanente interpenetração e conveniência recíproca. A pesquisa se concentra na análise de um corpus composto por três textos-chave que atuaram como referências para leitores católicos, jornalistas e agentes do Estado: os ensaios dos padres Agnelo Rossi (1941) e Wolfgang Gruen (1961), e o artigo jornalístico de Wilson Kleber Moreira (1974). A metodologia é ancorada na análise relacional de Pierre Bourdieu, que utiliza a noção de campo religioso como um espaço de disputas simbólicas e produção de legitimidades, articulado intrinsecamente com os campos político e midiático. Sob a ótica da História Cultural das Religiões, o trabalho examina como a retórica de expansão e os dados estatísticos grandiosos utilizados pelas Testemunhas de Jeová, reproduzidos inclusive por seus críticos, constituem uma estratégia discursiva e uma tática de inscrição no imaginário coletivo, que cumpre a função de performar credibilidade e fundar simbolicamente a globalidade do grupo.

Palavras-chave: Testemunhas de Jeová; Autoritarismo, Conflito.

Abstract: This article investigates the discursive formation of the image of Jehovah's Witnesses within the context of recent authoritarian regimes in Brazil, such as the *Estado Novo* and the Military Dictatorship, periods in which the political and religious spheres constituted environments of constant interpenetration and reciprocal convenience. The research focuses on the analysis of a corpus composed of three key texts that served as references for Catholic readers, journalists, and state agents: the essays by Fathers Agnelo Rossi (1941) and Wolfgang Gruen (1961), and the journalistic article by Wilson Kleber Moreira (1974). The methodology is grounded in Pierre Bourdieu's relational analysis, which employs the notion of the religious field as a space of symbolic struggles and the production of legitimacies, intrinsically articulated with the political and media fields. From the perspective of the Cultural History of Religions, the study examines how the rhetoric of expansion and the grand statistical data employed by Jehovah's Witnesses—reproduced even by their critics—constitute both a discursive strategy and a tactic of inscription in the collective imagination, serving the function of performing credibility and symbolically founding the group's sense of globality.

Keywords: Jehovah's Witnesses; Authoritarianism; Conflict.

Introdução

As Testemunhas de Jeová são uma religião de origem norte-americana, fundada no final do século XIX por Charles Taze Russell, que se distingue por uma leitura literal das Escrituras, pela recusa à participação em atividades políticas e militares, e por uma estrutura organizacional rigidamente centralizada. Sua atuação missionária, marcada pela presença sistemática nas ruas e pelo uso intenso de impressos e estatísticas de expansão global, confere ao grupo uma visibilidade que, paradoxalmente, o torna alvo de suspeitas e estigmatizações (Borges Junior, 2025, p. 8-12).

No Brasil, sua inserção se deu nas primeiras décadas do século XX, enfrentando resistências tanto das autoridades religiosas tradicionais quanto dos aparelhos de Estado, especialmente em momentos de acirramento autoritário. Este artigo tem como propósito investigar a formação discursiva da imagem das Testemunhas de Jeová no contexto dos regimes autoritários brasileiros, a saber, o Estado Novo (1937–1945) e a Ditadura Militar (1964–1985), períodos em que as fronteiras entre o político e o religioso se tornaram zonas de intensa interpenetração e conveniência mútua.

O recorte temporal compreende três textos-chave que, cada um a seu modo, contribuíram para a constituição de um imaginário coletivo, ou seja, o conjunto de ideias, crenças, símbolos e representações compartilhadas sobre esse grupo: o ensaio “*Testemunhas de Jeová*” (1941), de Agnelo Rossi; o estudo “*As Testemunhas de Jeová. Esboço histórico*” (1961), de Wolfgang Gruen; e o artigo “*Testemunhas de Jeová e a Segurança Nacional: Religião ou Subversão?*” (1974), de Wilson Kleber Moreira. Esses escritos, produzidos em diferentes contextos e esferas, a saber, eclesiástica, acadêmico-pastoral e estatal, permitem observar como a legitimidade religiosa e a autoridade política se cruzaram na produção de representações, ou seja, formas simbólicas (imagens, ideias, discursos, práticas) pelas quais uma sociedade compreende, comunica e dá sentido à realidade, sobre as Testemunhas de Jeová, variando entre a desconfiança doutrinária e a suspeita política.

A metodologia adotada ancora-se na análise relacional de Pierre Bourdieu (1989), segundo a qual os fenômenos religiosos devem ser compreendidos como produtos de um campo de forças, e não como expressões isoladas de crenças ou indivíduos. Essa abordagem concebe o campo religioso como um espaço de disputas simbólicas, onde diferentes agentes lutam pelo monopólio da autoridade sobre o sagrado, em constante diálogo e tensão com os campos político e midiático. Ao aplicar essa perspectiva, busca-se compreender não apenas o conteúdo dos textos analisados, mas também suas posições relativas, seus capitais simbólicos e as estratégias de legitimação que os sustentam.

Alinhado à História Cultural das Religiões, o estudo entende a religião como uma prática social e discursiva, cujos significados são produzidos e transformados nas relações entre sujeitos, instituições e contextos históricos. Nesse sentido, Adone Agnolin (2019, p. 183) nos faz entender que “isolar religião de um determinado contexto cultural parece impossível, e de qualquer forma difícil”. Assim, a análise relacional não se limita a mapear opiniões ou juízos, mas procura revelar as estruturas de poder e os mecanismos simbólicos que definem o que é considerado legítimo crer, dizer e praticar.

A Religião em Campo de Forças: Táticas e Legitimidades no Brasil Autoritário

É preciso reconhecer que durante os períodos autoritários recentes no Brasil, como o Estado Novo e a Ditadura Militar, as diferentes religiões tiveram que reconfigurar suas práticas a partir de premissas convenientes às condições impostas pelos regimes. Se, em certos momentos, o cenário lhes era favorável, podiam exercer suas práticas com maior vigor e buscar, estrategicamente, aproximações com o poder político; em outros, quando a conjuntura lhes era adversa, restava-lhes lançar mão daquilo que Michel de Certeau (1998, p. 98-101) chama de *táticas*: modos de agir sutis, marginais, improvisados, que permitem sobreviver e significar num espaço que não lhes pertence e sobre o qual não detêm o poder de ditar normas. Assim, o campo religioso, ao mesmo tempo que se adapta, resiste e negocia, mostra-se intrinsecamente dependente das formas e forças que emanam do campo político.

Em razão dessa lógica de conveniência recíproca, política e religião no Brasil constituíram, historicamente, esferas em permanente interpenetração, nas quais o poder religioso e o poder estatal se legitimaram mutuamente. Durante o Estado Novo, a hegemonia católica consolidou uma aliança simbólica com o poder, oferecendo ao regime o discurso moral e civilizatório que legitimava a centralização autoritária. Já na Ditadura Militar, embora a cultura dominante permanecesse cristã e fortemente católica, a relação entre a Igreja Católica e o Estado tornou-se mais complexa: parte do clero alinhou-se à ideologia de segurança nacional, enquanto outra, influenciada pela Teologia da Libertação, aderiu a uma postura voltada à denúncia das violências e à defesa dos pobres (Rocha, 2020, p. 208-211). Nesse jogo de aproximações e distanciamentos, o que se observa é que a legitimidade religiosa e a autoridade política formaram, reiteradamente, um circuito de trocas simbólicas, onde ambas as instâncias buscaram reforçar seus próprios capitais, o religioso e o político, num movimento de mútuo reconhecimento e conveniência.

O que interessa refletir, portanto, é que a análise das práticas religiosas nesses contextos deve ser relacional, e não essencialista. As propriedades de uma religião, suas doutrinas, comportamentos e valores, não podem ser compreendidas como atributos isolados de indivíduos ou instituições, mas como elementos que adquirem sentido em relação uns com os outros, dentro de um campo de forças. Nesse ponto, a noção bourdieusiana de campo religioso é particularmente útil, pois permite compreender a religião como um espaço de disputas simbólicas e de produção de legitimidades, onde diferentes agentes lutam pelo monopólio da autoridade sobre o sagrado. Tal campo não existe isoladamente: ele se articula com o campo político, o midiático e o científico, num permanente processo de interdependência e tensão. Assim, toda imagem pública de uma religião, seja ela de respeito, desconfiança ou hostilidade, é o resultado de relações de poder e de estratégias discursivas que visam definir o que é legítimo crer, dizer e praticar.

Isso posto, torna-se necessário refletir sobre a formação da imagem das Testemunhas de Jeová nesses contextos autoritários, prestando atenção ao caráter relacional e performativo das representações religiosas. Três homens - dois clérigos e um jornalista - assumiram papel central nessa construção discursiva: os padres Agnelo Rossi e Wolfgang Gruen, cujos ensaios escritos intitularam-se, respectivamente, “*Testemunhas de Jeová*” (1941) e “*As Testemunhas de Jeová. Esboço histórico*” (1961); e Wilson Kleber Moreira que escreveu o texto jornalístico publicado sob o título “*Testemunhas de Jeová e a Segurança Nacional: Religião ou Subversão?*” (1974), que circulou de forma confidencial entre órgãos estatais. Note-se, desde já, a notável genericidade dos títulos: a escolha de nomes amplos e quase genéricos é, em si, indicativa da escassez de produção especializada sobre o tema naquele momento e do papel singular que esses textos passaram a desempenhar como fontes-referência para leitores católicos, jornalistas e agentes do Estado.

O artigo de Rossi, publicado em 1941 na *Revista Eclesiástica Brasileira* sob o título *Testemunhas de Jeová*, insere-se na biografia de um homem que veio a assumir posição de destaque na hierarquia católica brasileira: Agnelo Rossi (1913–1995) tornou-se, ao longo da carreira, bispo, arcebispo e mais tarde cardeal, chegando a ser o decano do colégio cardinalício e ocupando cargos de destaque na Cúria Romana. Em sua carta de saudação aos arquidiocesanos de São Paulo, publicada em 1964, quando se tornou arcebispo de São Paulo, Rossi (1964, p. 5) se refere a si como “um filho de modestos e laboriosos imigrantes” e intenciona proximidade com os fieis ao dizer que “o Senhor olhou para a pobreza de seu servo, esqueceu os seus pecados e somente considerou sua docilidade à voz do Alto e seu amor intenso a multidão dos filhos, entregues à sua solicitude pastoral”. O seu texto sobre as Testemunhas de Jeová não apenas apresenta um diagnóstico teológico e moral sobre o grupo, como o

situa no quadro das preocupações pastorais e institucionais da Igreja naquele momento, isto é, como um possível agente de desordem religiosa frente ao monopólio simbólico pretendido pela Igreja. A circulação de textos em periódicos de grande prestígio católico conferia-lhe autoridade e visibilidade junto ao clero e a leitores leigos influentes, transformando-o em uma referência metodológica e interpretativa para quem, naquela época, procurava um enquadramento institucional para a presença das Testemunhas no país.

Wolfgang Gruen (1927 - 2024), autor de *“As Testemunhas de Jeová. Esboço histórico”* (1961), apresenta-se como uma figura acadêmico-pastoral cuja produção sobre a religião dialoga com preocupações catequéticas e historiográficas. Gruen foi sacerdote salesiano, teólogo e educador alemão naturalizado brasileiro. Chegou ao Brasil em 1940 e dedicou-se à formação religiosa e catequética por mais de sete décadas. Ordenado presbítero em 1953, tornou-se uma referência na reflexão bíblico-catequética no país. Lecionou Sagrada Escritura e Catequética na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), em Belo Horizonte, formando gerações de padres e religiosos. Em 2006, recebeu o título de Doutor honoris causa em Teologia e Ciências Bíblicas pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma¹.

O jornalista Wilson Kleber Moreira publicou o artigo *“Testemunhas de Jeová e a Segurança Nacional: Religião ou Subversão?”* por meio da Editora Evolução Ltda., de Niterói, RJ, em 1974, produzindo um texto que, mesmo antes de sua publicação, era referência para órgãos do governo militar, circulando de forma confidencial entre diferentes instituições do Estado, conforme documentos que serão detalhados. Segundo o próprio Moreira, ele se tornou bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e conciliava uma formação jurídica com sua experiência prática como radialista e jornalista profissional, tendo também atuado como superintendente do jornal *A Tribuna*, veículo de grande circulação regional em Niterói (Arquivo Nacional, enc. 0084/CISA-RJ, 1976). O artigo evidencia uma retórica calculadamente alarmista, na qual as Testemunhas de Jeová são descritas não apenas como um grupo religioso distinto, mas como agentes potenciais de subversão e ameaça à ordem estabelecida, alinhando a percepção pública à lógica de vigilância e controle típica do regime autoritário.

Moreira não se limita a relatar fatos ou apresentar informações sobre a religião; ele constrói um discurso de autoridade, capaz de influenciar tanto a percepção social quanto as práticas

¹ CNBB. Aos 97 anos, falece o padre Wolfgang Gruen SDB, um dos maiores nomes da reflexão bíblico-catequética no Brasil. Disponível em: https://www.cnbb.org.br/aos-97-anos-falece-o-padre-wolfgang-gruen-sdb-um-dos-maiores-nomes-da-reflexao-biblico-catequetica-no-brasil/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 out. 2025.

institucionais, estabelecendo vínculos entre doutrinas religiosas, condutas dos fiéis e supostos riscos à segurança do Estado. O texto, portanto, revela-se peça central na formação do imaginário estatal e social sobre as Testemunhas de Jeová, funcionando como um elo entre a produção jornalística e a política de controle religioso, demonstrando como a circulação de informações em espaços especializados e restritos, no caso, entre o governo e suas instituições, pode consolidar percepções que legitimam ações de vigilância, regulamentação e marginalização de grupos religiosos minoritários.

O texto de Moreira cumpriu sua intenção declarada de alcançar “as mãos de brasileiros e autoridades superiores” (Arquivo Nacional, enc. 0084/CISA-RJ, 1976), e de fato foi incorporado ao circuito interno de circulação de informações entre diferentes órgãos de segurança do regime militar. A publicação, originalmente editada pela Editora Evolução Ltda., de Niterói (RJ), em 1974, foi oficialmente encaminhada, em caráter confidencial, pelo Ministério da Aeronáutica em 22 de março de 1976, dois anos após sua impressão, aos principais órgãos de informação e repressão do Estado brasileiro. O ofício registrava o envio do texto na íntegra ao Comando-Geral de Operações Aéreas (COMGAR), responsável pelas atividades estratégicas da Força Aérea Brasileira; ao Comando Aéreo Regional (COMAR), encarregado do controle administrativo e operacional das regiões aéreas; à Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça (DSI/MJ), que articulava o sistema de inteligência civil; ao Assessoria de Segurança e Informações do Ministério da Aeronáutica (AC); ao Serviço Nacional de Informações (SNI), núcleo central da estrutura de vigilância e contrainteligência do regime; ao Centro de Informações do Exército (CIE), principal braço de coleta e repressão militar em território nacional; ao Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA), responsável pela espionagem interna e pelo monitoramento de civis e militares ligados ao setor aéreo; e ao Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), que operava de forma articulada com o SNI no controle de comunicações, transportes e investigações políticas ligadas à segurança nacional.

A mensagem de encaminhamento deixava clara a natureza político-religiosa do interesse estatal sobre o material:

Esse Centro tomou conhecimento e encaminha, em anexo, cópia XEROR da publicação em epígrafe, de autoria de WILSON KLEBER MOREIRA, na qual é feita análise e apreciação dos diversos comportamentos da seita denominada ‘TESTEMUNHAS DE JEOVÁ’, através de suas publicações literárias e de suas implicações com a Segurança Nacional (Arquivo Nacional, enc. 0084/CISA-RJ, 1976).

O uso da expressão seita e a vinculação direta entre o comportamento religioso e a segurança nacional evidenciam como a leitura do texto por parte dos órgãos de Estado não se restringia a uma

curiosidade sociológica ou religiosa, mas respondia a uma lógica de vigilância e controle político, típica do discurso autoritário que orientava o sistema repressivo.

O fato mais revelador, entretanto, é que o conhecimento e a circulação do texto entre os órgãos de informação antecedem sua publicação comercial. Um ano antes de vir a público, em 8 de outubro de 1973, a Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça (DSI/MJ) já havia distribuído internamente uma versão preliminar do texto, ainda não publicada, mas substancialmente idêntica ao que seria editado em 1974. Essa versão, assinada manualmente por Moreira, havia sido enviada pelo próprio autor em agosto de 1973, o que indica uma relação direta e voluntária entre ele e os canais institucionais do sistema de segurança. Essa antecipação do circuito estatal² em relação à publicação demonstra que o artigo de Moreira nasceu dentro do próprio campo político-militar, e não fora dele.

A partir desse corpus composto pelos textos de Rossi, Gruen e Moreira é possível empreender uma análise relacional. A abordagem bourdieusiana se mostra particularmente fecunda, uma vez que permite perceber que os agentes e instituições não atuam como entidades isoladas, mas como nodos de um campo de forças, nos quais propriedades, capitais simbólicos e relações de poder são continuamente negociados e disputados. Neste sentido, a análise busca dissecar os textos para formar “o quadro dos caracteres pertinentes de um conjunto de agentes ou de instituições” (Bourdieu, 1989, p. 29) identificando como cada um desses elementos atua para definir limites, normatividades e ameaças percebidas. A força da análise relacional reside exatamente em não reduzir os textos a um simples inventário de juízos ou a uma coleção de opiniões isoladas, mas em mapear o conjunto de relações que lhes conferem poder interpretativo.

Dessa forma, o exercício de análise bourdieusiano permite a reconstrução da trajetória dos textos e de seus autores e a compreensão do modo pelo qual a combinação de autoridade religiosa e discurso jornalístico contribuiu para a consolidação de um imaginário estatal e público das Testemunhas de Jeová. Vale lembrar que o quadro resultante não é um retrato estático de uma realidade fixa; é, antes, uma cartografia das relações de poder e dos posicionamentos estratégicos que estruturam o campo religioso e político brasileiro, revelando como textos produzidos em contextos específicos podem moldar percepções, legitimar intervenções e consolidar categorias interpretativas que permanecem influentes muito além do momento de sua publicação.

² O conjunto de instituições, agentes, práticas e canais internos do Estado pelos quais circulam decisões, informações, documentos e ações políticas, administrativas ou militares.

O Discurso: Capital Simbólico Religioso ou Político?

A leitura dos textos de Rossi e Wolfgang permite situar as diferenças de enfoque e preocupação entre os clérigos, e as homologias estruturais, nesse caso, as semelhanças estruturais em suas posições sociais e formas de atuação, que os conectam no interior de um mesmo campo de disputas simbólicas. Cada um opera a partir de um espaço social determinado, no qual a emergência e a expansão das Testemunhas de Jeová no Brasil aparecem como um fenômeno da desestabilização das hierarquias religiosas tradicionais. Rossi, por exemplo, formula uma crítica que, embora se apresente revestida de zelo pastoral, traduz um incômodo tipicamente institucional diante de um adversário que parece escapar às mediações eclesiais clássicas. Sua atenção à capacidade de distribuição e impressão do grupo não é um detalhe meramente técnico, mas o sintoma de uma preocupação com a eficácia simbólica de um novo dispositivo de difusão da fé. Ao reconhecer que há uma “basófia de que já espalharam pelo orbe mais de 300 milhões de livros” (Rossi, 1941, p. 482), Rossi dá voz ao desconforto de uma Igreja acostumada a controlar os meios legítimos de produção e circulação do discurso religioso.

A ênfase na materialidade da produção editorial, ao mesmo tempo que evidencia o alcance social da mensagem das Testemunhas de Jeová, revela uma dimensão do campo religioso como espaço de concorrência não apenas doutrinária, mas também comunicacional. O que Rossi teme e denuncia é a subversão de um monopólio histórico da palavra sagrada, mediada pela instituição e garantida por sua autoridade. Sua menção às “numerosas edições em português (25 livros)” e à sua difusão gratuita “à população operária e pobre” (Rossi, 1941, p. 482) sugere, ademais, uma leitura social da ameaça: não se trata apenas da expansão de uma doutrina tida como herética, mas da penetração de um discurso religioso alternativo nas camadas populares, um terreno que, até então, era compreendido como espaço de missão e tutela católica.

Já Gruen, embora igualmente atento ao fenômeno da expansão editorial e proselitista das Testemunhas de Jeová, adota um olhar mais sistemático e de maior envergadura histórica: Há, no texto, uma tentativa de periodização, articulando o movimento em três fases distintas, correspondentes às presidências de Russell, Rutherford e Knorr da Sociedade Torre de Vigia, denotando uma compreensão mais refinada da lógica interna do grupo.

No período correspondente à liderança de Russell, desde a formação do grupo no final do século XIX até sua morte em 31 de outubro de 1916, Gruen identifica um momento inaugural da trajetória das Testemunhas de Jeová, em que a figura do fundador é progressivamente revestida de uma aura de autoridade e exemplaridade missionária. Ao descrever esse primeiro período, Wolfgang

retoma, com notável deferência, os dados apresentados nas próprias publicações das Testemunhas de Jeová, sem indícios de desconfiança quanto à veracidade das informações. Ele cita, por exemplo, que “Antes da morte de Russell em 1916 (31 de outubro), diz-se que ele viajou mais de um milhão e meio de quilômetros, pregou mais de 30.000 sermões, e escreveu livros que somam mais de 50.000 páginas” (Gruen, 1961, p. 92). Trata-se de uma informação de grande relevância simbólica, pois não apenas reitera a centralidade de Russell como agente fundador, mas também traduz a dimensão performática do discurso religioso na constituição de um corpo coletivo de fiéis: um corpo cuja coesão não depende de um espaço institucional consolidado, mas de uma gramática de ação e mobilização.

A primeira observação que se impõe, portanto, é a intencionalidade de Gruen ao reproduzir esses dados. Ao incluir estatísticas impressionantes sobre a extensão das viagens e a produtividade literária e oratória de Russell, o autor não parece interessado em questionar sua exatidão, mas em evidenciar o que tais números representam como capital simbólico³ dentro do próprio campo religioso das Testemunhas de Jeová. Ao reconhecer que a “preocupação primeira das Testemunhas de Jeová [fosse] a ação” (Gruen, 1961, p. 92), Gruen atribui à liderança de Russell a gênese de um *ethos* militante, um *habitus* voltado para a expansão e a visibilidade.

A repetição e a amplificação de números como quilômetros percorridos, sermões proferidos, páginas escritas, não são apenas registros de uma biografia, mas constituem, em si, a materialização de uma forma de crença na eficácia da palavra e da prática. A menção quantitativa funciona como índice de vitalidade religiosa e como legitimação da mensagem. Ao reconhecer o alcance e a eficiência das Testemunhas de Jeová, o autor parece querer chamar atenção para o fenômeno que se expandia silenciosamente, fora dos marcos institucionais tradicionais do cristianismo. Por trás da exposição detalhada dos dados, percebe-se o temor de que o dinamismo missionário e o crescimento do grupo representassem uma ameaça potencial à hegemonia católica.

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que o dado reproduzido por Wolfgang, e outros que se seguem nas fontes das próprias Testemunhas de Jeová, como a adjetivação de Russell como “o maior pregador dos tempos modernos” e as afirmações vagas de que “por um período de tempo os seus sermões foram publicados semanalmente em mais de 2000 periódicos” (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1928, p. 16) e que “aproximadamente três mil jornais nos Estados Unidos, no

³ Tipo de capital definido por Bourdieu que corresponde ao prestígio, reconhecimento e legitimidade social atribuídos a indivíduos ou instituições dentro de um determinado campo. Ele é baseado em percepções compartilhadas de valor simbólico, como status, honra, títulos ou sinais de distinção, e pode ser convertido em outras formas de poder ou influência social (Bourdieu, 1989, p. 20-32).

Canadá e na Europa” (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1955, p. 13) publicavam os sermões de Russell fazem parte de uma estratégia discursiva recorrente na produção bibliográfica do grupo. Numa religião que, no início do século XX, ainda se situava nas margens do campo religioso cristão, a ênfase numérica cumpre a função de projetar grandeza simbólica e amplitude missionária. O que está em jogo não é apenas a comunicação de informações factuais, mas a produção de uma imagem de vigor, expansão e inevitabilidade histórica. Divulgar números que parecem superar a realidade empírica é uma tática de inscrição no imaginário coletivo: é o modo pelo qual uma minoria religiosa reivindica o direito de ser percebida como movimento de escala global, mesmo quando seu alcance material é restrito.

Nesse sentido, a citação de Certeau (2012, p. 89) é de extraordinária pertinência: “O discurso político não revela os cálculos de que resulta, mas os serve. As ideologias repetem verdades que se tornaram não críveis, mas que são sempre distribuídas pelas instituições que delas se beneficiam”. A operação discursiva observada nas publicações das Testemunhas de Jeová pode ser lida à luz dessa reflexão. O discurso religioso, especialmente em seus momentos fundacionais, compartilha com o discurso político essa lógica de autor referencialidade estratégica. Ele não expõe as motivações que o engendram: a necessidade de se afirmar, de se proteger, de se tornar visível, mas serve a elas silenciosamente, sob o véu da verdade doutrinária. A insistência na monumentalidade de Russell, expressa em números grandiosos, é uma forma de performar credibilidade, mesmo que a verossimilhança empírica seja secundária. Trata-se de uma verdade funcional: aquilo que, ao circular, reforça a estrutura que o enuncia.

As ideologias “repetem verdades que se tornaram não críveis” (Certeau, 2012, p. 89). Isso se aplica perfeitamente à retórica das Testemunhas de Jeová nesse período. Ao insistirem em quantificações de impacto mundial, elas reeditam a narrativa bíblica do pequeno grupo escolhido que alcança os confins da Terra: uma imagem antiga, que o discurso moderno tende a duvidar, mas que continua a operar enquanto instrumento de coesão e legitimidade. A dimensão estatística do discurso não é mera ostentação, mas parte integrante de sua teologia prática: a fé é medida em páginas, quilômetros e sermões, porque a ação é o signo visível da eleição.

Essa articulação entre palavra e ação remete a outra reflexão central — a da linguagem como condição da vida social. Quando se lê em Meillet que “a linguagem tem por condição primeira a existência das sociedades humanas, nas quais ela é, por sua vez, o mais indispensável e comumente empregado dos instrumentos”, compreende-se que, no caso das Testemunhas de Jeová, o ato de enunciar, seja por meio de publicações, discursos ou números, é uma forma de instituir a própria

comunidade. O discurso numérico é performativo: ao dizer-se grande, o grupo cria a percepção de grandeza; ao dizer-se global, funda simbolicamente sua globalidade. O poder de nomear e quantificar, aqui, é poder de existir socialmente.

Dessa forma, o gesto de Wolfgang ao reproduzir esses números é mais do que uma simples referência documental: é uma operação interpretativa que reconhece, talvez intuitivamente, a natureza sócio genética do discurso religioso. Ele percebe que o *ethos* das Testemunhas de Jeová nasce da fusão entre palavra e ação, entre o dizer e o fazer, entre a linguagem e o trabalho missionário. Russell não é apenas o autor de 50.000 páginas, mas o arquétipo do pregador moderno, cuja autoridade se constrói pela repetição, pela circulação e pela materialização textual da fé.

Na sequência cronológica que Gruen adota, o autor passa a examinar o período de Rutherford (1916–1942), sucessor de Russell na presidência da Sociedade Torre de Vigia, momento em que a expansão numérica e institucional das Testemunhas de Jeová assume proporções inéditas. Baseando-se nos próprios dados divulgados pela organização, Gruen (1961, p. 103) afirma que “desde 1921 a 1931 as Testemunhas de Jeová colocaram nas mãos do povo um total de 110.565.401 livros e livretos”, número que, segundo ele, se referia à distribuição mundial. O dado, por si só, expressa o crescimento vertiginoso do aparato editorial e missionário da religião, que, ao longo da década de 1930, incorporou também os novos meios de comunicação de massa, sobretudo o rádio. Rutherford, estrategista de comunicação, passou a transmitir seus discursos em diversas rádios, e, segundo Gruen (1961, p. 103), se baseando em dados disponibilizados pela organização religiosa, em fins dessa mesma década “as publicações da Sociedade (livros e livretos) nas mãos do povo excediam a 309.000.000, e isto em mais de 70 línguas diferentes”.

A ênfase de Gruen nesses números não é neutra. A acumulação quantitativa é apresentada quase como um sintoma de poder: os dados não apenas descrevem uma expansão, mas servem para evidenciar a suposta eficácia de uma estrutura religiosa que, sem contar com reconhecimento institucional do Estado ou da Igreja Católica, conseguia mobilizar, imprimir, traduzir e distribuir literatura em escala planetária. Ao fazê-lo, o autor revela também sua inquietação diante de um grupo que, ao dominar o impresso e o oral, ocupava espaços simbólicos de evangelização que, até então, eram privilégio do catolicismo no Brasil. As cifras, portanto, funcionam como índices de uma ameaça, não apenas teológica, mas estrutural, à hegemonia católica no campo religioso.

Sobre o período de presidência de Knorr (1942–1977), a leitura de Gruen ganha outro tom. O autor deixa parcialmente de lado o discurso quantitativo para enfatizar o caráter estratégico do novo presidente, a quem atribui grande capacidade de organização e propaganda. Sob Knorr, destaca, o

movimento aperfeiçoou seus métodos de formação e de difusão doutrinária, criando escolas bíblicas destinadas ao treinamento de publicadores - membros que atuavam como missionários e instrutores - em diferentes países. Gruen sublinha, em especial, o empreendimento editorial de Knorr de lançar uma tradução própria das Escrituras: a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, produzida em inglês e, posteriormente, em diversos outros idiomas, inclusive o português, vertido por tradutores pertencentes à própria organização.

A avaliação de Gruen (1961, p. 107) sobre essa tradução é, ao mesmo tempo, crítica e ambígua. Ele escreve que

muita coisa deixa a desejar nesta obra: sobretudo a evidente tendenciosidade de certas traduções forçadas e até torcidas, bem como do Prefácio e do Apêndice. Mas são também inegáveis os aspectos positivos: esforço para penetrar todo o sentido das palavras, modernização de certas expressões bíblicas no vernáculo, apresentação tipográfica excelente, etc.

Esse juízo, aparentemente equilibrado, revela uma tensão fundamental: por que, afinal, a tradução das Testemunhas de Jeová lhe parecia tendenciosa? O incômodo de Gruen não reside apenas na questão filológica, mas sobretudo no deslocamento simbólico que ela representava. Traduzir a Bíblia era uma prerrogativa predominantemente católica, um capital simbólico, que conferia à Igreja o poder de mediar linguisticamente o acesso ao sagrado.

Ao lançar uma tradução própria, feita por membros da organização e circulante entre seus fiéis, as Testemunhas de Jeová intervêm diretamente no campo religioso, produzindo um ato de ruptura e de redistribuição de autoridade simbólica. A tradução deixa de ser um monopólio e torna-se um campo de disputa. Como lembra Bourdieu (1989, p. 39), “a linguagem [...] é, com efeito, um enorme depósito de pré-construções naturalizadas, portanto, ignoradas como tal, que funcionam como instrumentos inconscientes de construção”. O gesto de traduzir, nesse sentido, não é um simples exercício de fidelidade textual, mas uma operação política sobre o próprio *logos* religioso: ao manipular a linguagem, redefine-se o horizonte de sentido, reconfigura-se a comunidade de crentes e, sobretudo, desafia-se o regime simbólico dominante que naturalizava o modo católico de ler e de pronunciar o texto bíblico.

No Brasil das décadas de 1960 e 1970, o poder católico sobre a linguagem bíblica ainda era quase absoluto. Algumas das traduções de maior circulação, a saber, a *Bíblia Ave-Maria* (publicada pela Editora Ave-Maria, em 1959, e amplamente usada nas comunidades e paróquias), a *Bíblia Sagrada* da CNBB e a *Bíblia Vozes*, constituíam os instrumentos canônicos de leitura e catequese (Malzoni, 2010, p. 41-44). Eram traduções legitimadas por teólogos, imprimatur eclesiástico e difusão massiva em

meios pastorais, catequéticos e escolares. Em tal cenário, a emergência de uma Bíblia outra, alheia ao controle hierárquico e elaborada por um grupo marginalizado, representava não apenas um desvio doutrinário, mas uma afronta à estrutura do campo religioso: uma ameaça de desorganização simbólica da ordem linguística e hermenêutica católica.

Nessa chave, a observação de Gruen adquire uma densidade que transcende a crítica textual. O que está em jogo é o equilíbrio de forças entre posições hierárquicas dentro do campo. Bourdieu (1989, p. 40) enfatiza que, “em qualquer estudo do campo, se não se considerar a referência, o campo fica destruído, porque há posições de um só lugar que comandam toda a estrutura”. A Bíblia católica, no Brasil, era precisamente essa referência: o ponto fixo que estruturava a rede de posições e legitimava o discurso religioso. A *Tradução do Novo Mundo*, ao propor uma nova linguagem e uma nova hermenêutica, deslocava essa referência, introduzindo desordem num sistema cuja coesão dependia da centralidade da tradução católica.

Assim, o temor de Gruen torna-se inteligível à luz da teoria dos campos. O que ele pressente, ainda que de modo implícito, é a possibilidade de uma reconfiguração simbólica profunda: a quebra de uma hegemonia linguística que sustentava a autoridade católica no Brasil. Ao reconhecer, com certo desconforto, as qualidades gráficas, formais e expressivas da tradução das Testemunhas de Jeová, ele reconhece, sem o admitir plenamente, a eficácia de uma tática religiosa que atua sobre a linguagem para tentar redefinir o espaço. Como lembra Certeau (1998, p. 199-203), o espaço é continuamente (re)produzido pelas práticas que nele se realizam; ele existe enquanto é praticado. Assim, as ações simultâneas dos sujeitos como traduzir, imprimir, distribuir e ensinar ocupam o espaço religioso e o refazem. Cada circulação de palavra é uma operação que desloca fronteiras e redefine posições. Nesse sentido, a atuação das Testemunhas de Jeová inscreve-se como um modo de invenção do espaço, em que o campo religioso deixa de ser apenas um cenário de forças fixas e torna-se o próprio resultado das práticas que o movimentam.

Moreira, ao abordar o crescimento das Testemunhas de Jeová, manifesta um assombro que é revelador tanto de sua posição diante da expansão da religião quanto do impacto simbólico que essa estrutura comunicacional lhe causava. Para ele,

é impressionante o esquema de divulgação da seita, emanado da sede central (USA), incluindo todo um complexo de comunicação de massa, desde simples cartilhas de ABC, provas mensais a alentados volumes contendo variadíssima literatura inteligentemente dirigida (Arquivo Nacional, enc. 0084/CISA_RJ, p. 17).

Essa observação deixa transparecer o desconforto de Moreira frente a um modelo organizacional que operava segundo uma racionalidade planejada e transnacional, ou seja, que atua para além das fronteiras dos Estados nacionais, envolvendo relações, organizações ou processos que se desenvolvem em múltiplos países de forma integrada, capaz de articular, em escala internacional, uma pedagogia. Seu espanto é, portanto, menos um julgamento moral e mais a expressão de um temor: o de que a modernização técnica da religião pudesse engendrar uma nova forma de hegemonia discursiva, deslocando as formas convencionais de autoridade religiosa.

Quando Moreira menciona as “cartilhas de ABC”, ele não recorre a uma metáfora. De fato, as Testemunhas de Jeová desenvolveram materiais de alfabetização destinados àqueles que desejavam aderir à fé, mas ainda não sabiam ler. A alfabetização se tornava uma condição espiritual, uma etapa de iniciação que permitia o acesso às Escrituras e à vasta literatura produzida pela Sociedade Torre de Vigia⁴ (Castro, 2007, p. 89-92). A leitura, para os adeptos, era um exercício de devoção e disciplina, já que o estudo sistemático dos textos constituía a principal via de interiorização da doutrina. Moreira reconhece, ainda que involuntariamente, a sofisticação dessa pedagogia textual que transformava o ato de ler em prática ritual.

Moreira prossegue observando que, em 1974, a Torre de Vigia de Bíblias e Tratados publicava “em mais de 100 idiomas para 160 países de línguas diferentes” (Arquivo Nacional, enc. 0084/CISA_RJ, p. 18). No caso do Brasil, essa circulação literária se fazia inicialmente por meio de importações, até que, poucos anos após o estabelecimento da organização no país, foi inaugurada uma gráfica nacional, localizada na Rua Guáira, nº 2016, em São Paulo (Borges Junior, 2025, p. 30-33). Nesse mesmo endereço funcionava o escritório central, responsável por coordenar as atividades administrativas e editoriais das congregações brasileiras. Esse empreendimento editorial, ao conjugar tradução, impressão e distribuição, conferia às Testemunhas de Jeová uma notável autonomia comunicacional e uma capacidade de difusão que ameaçava o alcance das paróquias católicas ou das missões protestantes tradicionais.

Em outro trecho, Moreira destaca que

todas as atividades ‘religiosas’ são programadas, antecipadamente, sob uma bitola geral, para um ano inteiro, semana por semana, reunião por reunião, assunto por assunto, capítulo por capítulo, em impressos sob o título ‘Programa da Escola do Ministério Teocrático para 19...’ (Arquivo Nacional, enc. 0084/CISA-RJ, p. 21).

⁴ Entidade jurídico-administrativa das Testemunhas de Jeová.

Essa observação é precisa: as Testemunhas de Jeová estruturavam, de fato, um calendário anual minuciosamente planejado, com temas, leituras e exercícios definidos, de modo a garantir a uniformidade doutrinária e a coesão organizacional. Contudo, é importante notar que, apesar dessa aparência de rigidez absoluta, havia espaços reservados para adaptações locais: reuniões dedicadas a necessidades da congregação permitiam o tratamento de temas específicos, ajustando o discurso às particularidades culturais e sociais de cada comunidade (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 1993, p. 204-206).

Essa flexibilidade controlada evidencia um ponto fundamental: a ortodoxia das Testemunhas de Jeová não é estática, mas se realiza em diálogo com contextos diversos, permitindo uma epiqueia prática, no sentido de uma adequação tática às circunstâncias. Como observa Antonio Benatte (2014, p. 70), a ortodoxia não extingue a agência dos sujeitos e influência cultural nos sistemas religiosos e só se sustenta enquanto se reinventa nas margens das práticas que a concretizam; e, conforme lembra Nicola Gasbarro (2013, p. 99), as ortodoxias se definem menos por sua fixidez do que pela maneira como se tornam ortopráticas, ou seja, pela capacidade de articular, nos espaços de contato, múltiplas maneiras de fazer e de crer. Assim, o próprio modelo organizacional das Testemunhas de Jeová, ao mesmo tempo rigoroso e adaptável, revela uma dimensão criativa da ortodoxia: ela se traduz em técnica, planejamento e disciplina, mas também em permeabilidade e reinvenção, reconfigurando continuamente o espaço religioso em meio às dinâmicas culturais locais.

Conclusão

Ao percorrer as articulações entre religião e política nos períodos autoritários brasileiros, o que emerge é a profunda imbricação entre os regimes de poder e os regimes de sentido. A história das Testemunhas de Jeová no Brasil, observada através das lentes de autores como Rossi, Gruen e Moreira, evidencia que a religião não atua à margem do Estado, mas constitui com ele uma trama de forças simbólicas em que cada discurso busca legitimar-se pela desqualificação do outro. O campo religioso é um terreno de negociações contínuas, onde as fronteiras entre o sagrado e o político se redefinem a partir das circunstâncias históricas, dos dispositivos discursivos e das estratégias de dominação.

Nos textos de Rossi e Gruen, o olhar católico sobre as Testemunhas de Jeová traduz a tentativa de preservar a hegemonia simbólica da Igreja em um contexto de modernização e diversificação religiosa. A rotulação das Testemunhas como seita, o uso da linguagem moralizadora e a ênfase nos números e na tradução bíblica revelam um esforço para reafirmar a autoridade católica sobre o campo da verdade e do sagrado. A palavra, enquanto forma de poder e mediação, é mobilizada como

instrumento de legitimação e de exclusão: define o que é ortodoxo, o que é ameaça e o que deve ser neutralizado. Assim, o discurso religioso opera como uma tecnologia simbólica de controle, capaz de articular fé, hierarquia e moralidade em torno de uma narrativa institucional.

Com o texto de Moreira, a lógica de classificação e vigilância atinge outro nível: o discurso jornalístico-jurídico, atravessado pela retórica da segurança nacional, transforma o religioso em objeto de suspeita política. A linguagem do perigo e da subversão, aplicada às Testemunhas de Jeová, reconfigura o imaginário estatal e social, fundindo os campos religioso e militar sob o signo da disciplina e da obediência. O autor não apenas reproduz o olhar do regime, mas participa da própria produção do dispositivo de poder que autoriza o Estado a intervir, regular e punir. A religião é, então, reinscrita no vocabulário da vigilância: não mais como espaço de fé, mas como possível foco de desordem e dissidência.

Essa genealogia discursiva demonstra que as representações religiosas são historicamente performativas: elas não descrevem realidades, mas as produzem. O olhar católico e o olhar estatal, ainda que distintos em origem, convergem na constituição de uma gramática da suspeita que marcou as Testemunhas de Jeová como alteridade incômoda: um corpo estranho no projeto de unidade nacional, moral e política. A força desses discursos residiu justamente em sua circulação entre campos diferentes, o religioso, o midiático e o burocrático, o que lhes conferiu densidade e permanência.

Assim, compreender as Testemunhas de Jeová sob o prisma da História Cultural das Religiões significa restituir-lhes a historicidade de suas representações: não como vítimas passivas de perseguição, mas como atores de uma disputa simbólica que os colocou em tensão com os poderes hegemônicos do Estado e da Igreja. O percurso aqui delineado mostra, em última instância, que a história da religião no Brasil é inseparável da história de suas mediações discursivas e de seus dispositivos de poder. Entre a tática e a instituição, entre o texto e o arquivo, entre o púlpito e o gabinete, o religioso se faz e se refaz na relação com o político, não como esfera autônoma, mas como linguagem em permanente negociação, onde crer, dizer e governar são, desde sempre, modos interdependentes de ordenar o mundo.

Referências Bibliográficas

AGNOLIN, Adone. **História das religiões: perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Paulinas, 2019.

BENATTE, Antonio Paulo. A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. **Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião.** São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

BORGES JUNIOR, Osorio Vieira. **As Testemunhas de Jeová no Brasil: uma perspectiva histórico-cultural (1920-1940).** 2025. 130 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CASTRO, Eduardo Goes de. **A torre sob vigia: as Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954).** 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP).

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural,** tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GASBARRO, Nicola. Missões: A civilização cristã em ação. In: MONTEIRO, Paula. Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Ed. Globo, 2006, p. 67-109.

GASBARRO, Nicola. Religione e/o religioni? La sfida dell'antropologia e della comparazione storico-religiosa. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. (org). **(Re)conhecendo o Sagrado:** Reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 83-106.

GEERTZ, Clifford. A Religião como sistema cultural. In: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2019.

MALZONI, Cláudio Vianney. **As edições da Bíblia em circulação no Brasil.** Didaskalia, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, v. 40, n. 2, p. 39-64, 2010.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. Cristianismo de Libertação e Ditadura Militar no Brasil. **Revista Brasileira de História das Religiões,** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, v. 13, n. 38, p. 205-226, 2020.

Fontes

A História Moderna das Testemunhas de Jeová. **Despertai!**, São Paulo, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania). 15 de agosto de 1955.

Anuário das Testemunhas de Jeová, Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania), 1974.

Arquivo Nacional do Brasil. Encaminhamento nº 0084/CISA-RJ do Ministério da Aeronáutica em caráter sigiloso. 22 março de 1976. Fundo: Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica, p. 12.

CNBB. Aos 97 anos, falece o padre Wolfgang Gruen SDB, um dos maiores nomes da reflexão bíblico-catequética no Brasil. Disponível em: https://www.cnbb.org.br/aos-97-anos-falece-o-padre-wolfgang-gruen-sdb-um-dos-maiores-nomes-da-reflexao-biblico-catequetica-no-brasil/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 out. 2025.

GRUEN, Wolfgang. As Testemunhas de Jeová. Esboço Histórico. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 21, fasc. 01, p. 77-115, março de 1961.

ROSSI, Agnelo. **Carta de Saudação de Dom Agnelo Rossi, Arcebispo Eleito de São Paulo aos Seus Diocesanos**. São Paulo, 1964.

ROSSI, Agnelo. Testemunhas de Jeová. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol. 01, fasc. 03, p. 481-489, 1941.

Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania), 1993.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. Harpa de Deus. São Paulo, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania), 1928.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço de 2024. [S.l.]: Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2024. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/Relat%C3%B3rio-Mundial-das-Testemunhas-de-Jeov%C3%A1-do-Ano-de-Servi%C3%A7o-de-2024/>. Acesso em: 19 out. 2025.

Unidade cristã no Brasil. **Despertai!**, São Paulo, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados (Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania). 22 de outubro de 1971.